

Elementos de História do Brasil

Fases Lógica e Retórica

2

Período I 1533-1581



Vias Clássicas

Elementos da História do Brasil

Período I – Segunda Parte

Esta obra é uma edição revista, atualizada e ampliada de:

Thomás, Cláudio Maria. **Elementos de História do Brasil - Curso Superior**. Livraria Paulo de Azevedo, 1928?.

Copyright 2021 – Os textos das notas de rodapé e das seções “Notas Biográficas” são criações originais de Gêssica Hellmann & Cia. – Editora e Livraria Vias Clássicas. Todos os direitos reservados. Cada cópia deste livro eletrônico (e-book) é licenciada para uma única família. São proibidas a cópia, a reprodução, a distribuição e a revenda não autorizadas. É vedado o seu uso por escolas e instituições de ensino sem autorização expressa por escrito. Em caso de dúvida, entre em contato pelo endereço gessica@gessicahellmann.com.

Índice

Introdução.....	5
4. Capitãncias Hereditárias (1534-1549).....	7
4.1. Fundação das Capitãncias.....	7
4.2. Martim Afonso de Souza.....	11
4.3. Pero Lopes de Souza.....	12
4.4. Pero Góis da Silveira.....	13
4.5 Vasco Fernandes Coutinho.....	14
4.6. Pero de Campos Tourinho.....	17
4.7 Jorge de Figueiredo Correa.....	18
4.8. Francisco Pereira Coutinho.....	19
4.9. Duarte Coelho.....	21
4.10. João de Barros.....	24
4.11. Antônio Cardoso Barros.....	25
4.12. Fernão Álvares de Andrade.....	25
4.13. Aires da Cunha.....	25
4.14. Vida dos primeiros colonos.....	27
4.15. Exercícios para entendimento e memorização.....	31
5. Primeiro Governador Geral: Tomé de Sousa (1549-1553).....	33
5.1. Necessidade de um governo geral.....	33
5.2. Tomé de Sousa.....	34
5.3. Missionários Jesuítas.....	34
5.4. Fundação de São Salvador.....	36
5.5. Governo de Tomé de Sousa.....	38
5.6. Exercícios para entendimento e memorização.....	42
6. Segundo Governador: Duarte da Costa (1553-1557).....	43
6.1. Fundação de São Paulo (1554).....	45
6.2. Excessos dos mamelucos.....	47
6.3. Morte do primeiro Bispo.....	47
6.4. Colônia Francesa.....	49
6.5. Sincronismo.....	50
6.6. Exercícios para entendimento e memorização.....	54
7. Terceiro Governador: Mem de Sá (1557-1572).....	55
7.1. Primeiros Atos.....	55
7.2. No Sul.....	56
7.3. Confederação dos Tamoios.....	58
7.4. Epidemias.....	60
7.5. Conquista de Rio de Janeiro.....	61
7.6. Fundação de São Sebastião (1567).....	63
7.7. Morte de Mem de Sá.....	65
7.8. Exercícios para entendimento e memorização.....	68
Revisão Cronológica para memorização.....	69
Apreciação Cultural.....	71

Introdução

Uma queixa comum dos pais educadores Cristãos em relação aos livros didáticos de História disponíveis no Brasil desta segunda década do século XXI é o seu forte viés ideológico. Ao que parece, o objetivo é doutrinar as novas gerações de brasileiros para que adquiram uma visão antiportuguesa e antieuropeia do nosso passado, deturpando a percepção de nossas origens como povo, nação e país. Além disso, o foco dessas obras, seja qual for o acontecimento histórico estudado, é sempre nos “fatores econômicos”. A premissa oculta, jamais confessada, embora presente em cada frase, é a de que os atores da História humana não teriam qualquer outra motivação para seus atos além de uma ambição irracionalmente desmedida pelas riquezas e pelo lucro financeiro.

Trata-se de uma visão caricatural e sumamente injusta dos esforços heroicos de nossos antepassados para desbravar este imenso, complexo e desafiador território em que vivemos. Na condição de seus herdeiros, devemos ser capazes de apreciar com justiça e equilíbrio as realizações daqueles grandes homens, tendo em vista à construção de um país mais justo e equilibrado no futuro.

Em nossas pesquisas por materiais didáticos para ensino de História do Brasil, encontramos a sublime obra de Cláudio Maria Thomás intitulada “Elementos de História do Brasil - Curso Superior”, publicada entre 1925 e 1928, atualmente em domínio público. Um texto primoroso, rico em detalhes, com foco nos traços de caráter dos principais personagens de nossa História. Além disso, trata-se de autor católico que, como tal, reconhece o papel dos valores Cristãos na formação da Civilização Brasileira, tendo recebido o *imprimatur* e o *nihil obstat* da Igreja Católica.

Ao analisar o livro em todos os seus aspectos, sentimos que era a obra ideal para estudo da História do Brasil pelas famílias educadoras brasileiras deste século. Procedemos então a um longo esforço, não apenas de revisão ortográfica e gramatical, mas de ampliação e atualização em todos os seus aspectos:

- **Estilo:** Atualizamos a pontuação e a sintaxe, além de reescrever diversas frases do original para torná-las mais compreensíveis ao jovem leitor brasileiro contemporâneo.

- **Pesquisa de imagens:** A obra original era rica em ilustrações em preto e branco porém, muitas já se encontram de difícil reprodução, dada à antiguidade do material impresso. Nossa pesquisa, entretanto, não se limitou à substituição de imagens antigas, mas incluímos diversas fotos e ilustrações de pessoas, objetos e lugares para tornar mais rica a fruição do texto.
- **Notas de vocabulário:** Estudos indicam que a compreensão da Alta Literatura de um idioma requer o domínio de um vocabulário mínimo na faixa de 20 mil palavras. Ora, sabemos que o vocabulário da massa da população universitária brasileira não supera em muito os termos técnicos de sua profissão, as gírias e frases-feitas que integram as conversações cotidianas. Por isso, mantivemos todo o vasto vocabulário do texto original, pois acreditamos que um dos objetivos de toda obra educativa, seja qual for o campo do conhecimento por ela abordado, deve ser o enriquecimento do vocabulário dos estudantes. Para reduzir a necessidade de consultas a dicionário, incluímos centenas de notas de rodapé, com o significado dos termos mais difíceis.
- **Notas biográficas:** A História é feita por pessoas cuja história pessoal se mescla com os destinos de seu povo e de toda a Humanidade. Essa premissa se faz presente nesta edição com a presença de quadros biográficos onde apresentamos alguns detalhes sobre a vida de alguns personagens históricos que o autor menciona apenas de passagem no texto. A intenção é estimular a imaginação do estudante, dando vida à narração histórica, para além da simples coleção de nomes e acontecimentos.

Esta obra cobre todo o período entre o Descobrimento do Brasil e o início do século XX. A narrativa foi planejada para formação de estudantes do ensino médio (*estágio Retórico*), porém pode ser aplicada com proveito para estudantes a partir do nível fundamental II (11-12 anos de idade) que já tenham adquirido fluência de leitura, compreensão de narrativas complexas e capacidade de acompanhar o raciocínio de um autor. Com esta reedição ampliada de “**Elementos de História do Brasil - Curso Superior**”, esperamos contribuir para que as famílias educadoras brasileiras preencham as lacunas de conhecimento histórico do nosso país sem abrir mão de suas convicções religiosas e políticas.

4. Capitânicas Hereditárias (1534-1549)

4.1. Fundação das Capitânicas

A fundação de São Vicente e de Piratininga, por Martim Afonso de Souza, fizera-se à custa do tesouro real e com avultadíssimas¹ despesas; Dom João III reconheceu logo que o Estado não poderia mais continuar semelhantes gastos para novas fundações; procurou outros meios para povoar e colonizar o Brasil; em 1534, adotou o sistema das Capitânicas Hereditárias.

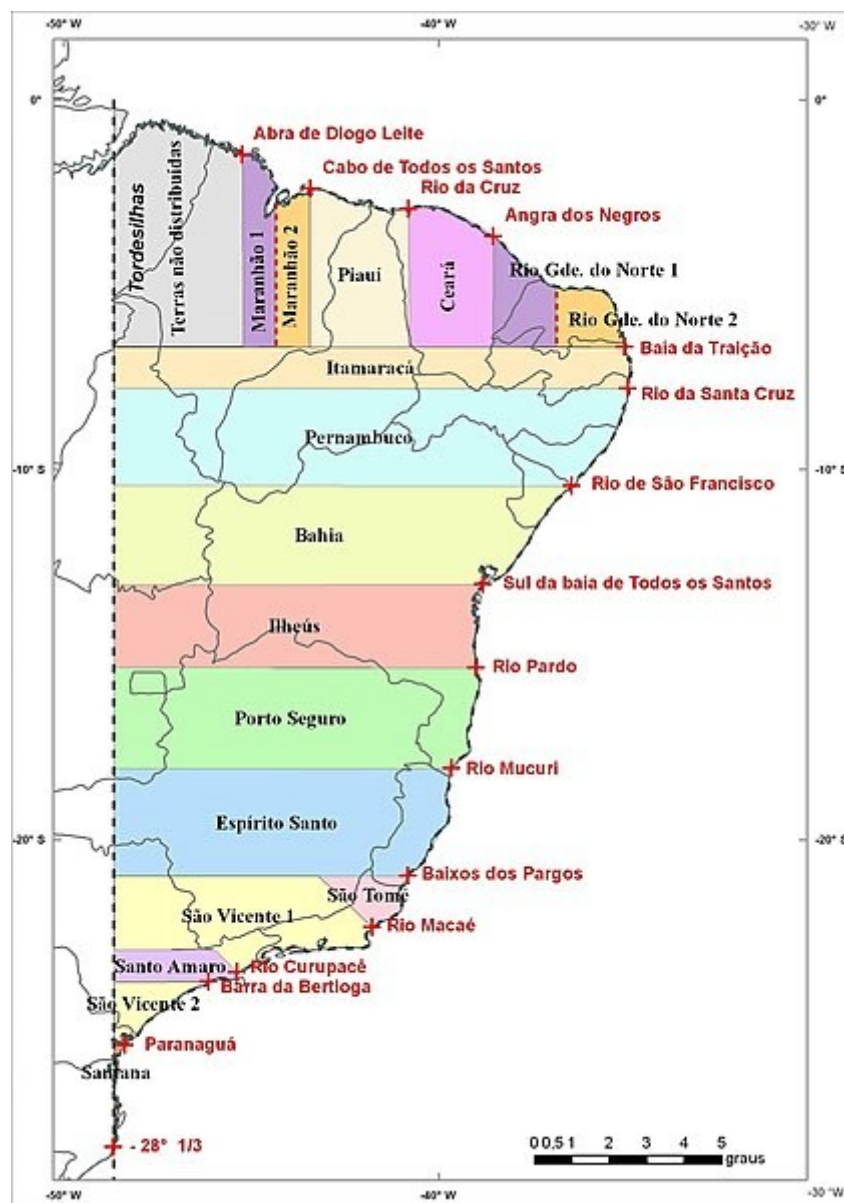


Figura 1: Capitânicas Hereditárias. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Novo_mapa_Capitânicas.jpg

1 **Avultado**: Grande, volumoso, vultoso.

Páginas omitidas da amostra

4.2. Martim Afonso de Souza

Martim Afonso de Souza, abalizado² chefe da expedição de 1530, o fundador das povoações de São Vicente e Santo André, recebeu a capitania de São Vicente.

A carta doação foi assinada a 20 de janeiro de 1535.

A capitania constava de cem léguas de costa, divididas em dois quinhões³: 1º desde a barra⁴ de Santos até doze léguas ao sul da ilha de Cananeia, o que equivale até a enseada de Paranaguá; 2º desde o rio Curupacé, hoje Juqueriqueré, em frente à ilha de São Sebastião, até a barra do rio Macaé.

Martim Afonso de Souza deixou o Brasil em 1533, e passou à Índia, onde se ilustrou por gloriosos feitos; viveu depois em Portugal e acabou os dias em 1571, sem voltar ao nosso país.

Quem dirigiu a capitania em nome dele foram Gonçalo Monteiro e seus sucessores; tinham o título de “capitão-mór loco-tenente⁵”.

O primeiro quinhão, chamado de São Vicente, por causa da vila capital, tanto prosperou que, no fim de quinze anos, contava mais de seiscentos colonos, muitos escravos e seis engenhos de açúcar. Tinha pouco mais de trinta anos de existência, quando forneceu a metade de sua população para fundar a cidade do Rio de Janeiro (1567).

A vila de São Vicente decaiu por várias causas: 1º alguns Castelhanos, estabelecidos em Iguape e chefiados por um tal Rui Mosquera, agrediram a povoação, saquearam-na e retiraram-se; 2º, violentos temporais destruíram muitas casas, em particular a do conselho, a igreja matriz e o pelourinho, cobrindo o mar o lugar da primitiva vila, o que obrigou aos vicentistas a construir outra no lugar onde está hoje; 3º, o porto entulhou-se com lodo e areia.

2 **Abalizado:** Competente, idôneo, notável.

3 **Quinhão:** Parte que cabe a cada um na divisão de um todo.

4 **Barra:** Entrada de uma baía.

5 **Loco-tenente:** Pessoa que desempenha temporariamente as funções de outra, para substituí-la. Sinônimo: lugar-tenente.

Páginas omitidas da amostra

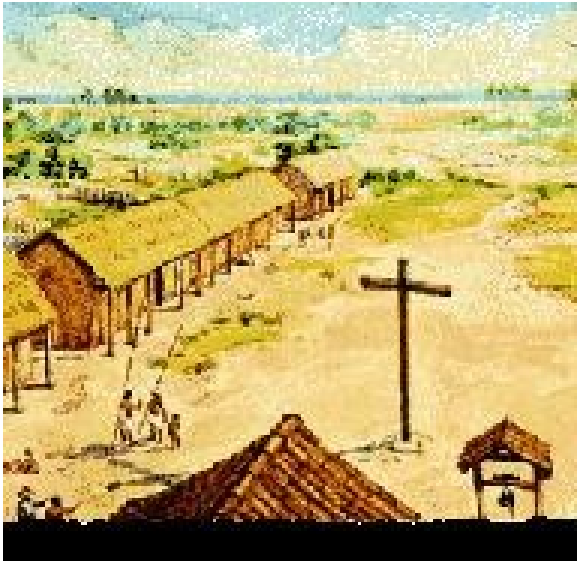


Figura 2: Reconstituição da Vila da Rainha, fundada às margens do Rio Paraíba do sul, na capitania de São Tomé, concedida à Pero de Góis. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Partilha-do-brasil-6.jpg>

Por carta de doação assinada a 28 de agosto de 1536, recebeu a capitania da Paraíba do Sul, chamada também de São Tomé; constava de vinte e uma léguas de litoral, desde a barra de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro, até os baixos dos Pargos, perto do rio Itapemirim, no Estado do Espírito Santo.

Este donatário atraiu um de seus irmãos, Luiz de Góis, vários outros parentes e bastantes colonos; fundou a Vila da Rainha, à margem do rio Paraíba, em 1540, e plantou magníficos canaviais, com mudas de cana trazidas de São Vicente. Como tudo corresse auspicioso, foi para

Portugal a fim de adquirir ferramentas e as peças necessárias para construir engenhos e desenvolver sua colônia; combinou mesmo com vários negociantes para a próxima venda do açúcar; mas, na volta, teve o desgosto de ver que o administrador e a maior parte dos colonos tinham fugido durante a sua ausência.

Não desanimou; entendeu-se com o donatário do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, dele alcançou mais trabalhadores, um oficial de engenhos e sessenta escravos da Guiné e prosseguiu na lavoura da cana; construiu duas engenhocas de cavalo⁶ perto da costa e principiou um grande engenho a dez léguas rio acima; esperava fabricar vários milhares de arrobas de açúcar em menos de um ano. Mas um aventureiro, Henrique Leal, vindo da capitania do Espírito Santo, entrou na Paraíba onde escravizou os índios Goitacases, em particular um chefe da tribo, e entregou-o a seus piores inimigos; indignados, os selvagens levantaram-se contra os brancos, incendiaram os canaviais, destruíram os engenhos e devastaram as povoações; repetiram suas incursões, mataram numerosos colonos e feriram o próprio donatário; depois de perder uma vista, Pero Góis retirou-se para o Espírito Santo, em 1546, e logo depois para Portugal. Três anos mais tarde, em 1549, voltou ao Brasil com Tomé de Souza, com o título de capitão-mór da costa.

⁶ **Engenhoca de cavalo:** Pequeno engenho de cana movidos a cavalo.

Páginas omitidas da amostra



Figura 3: Monumento dedicado a Pero do Campo Tourinho.

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pero_do_Campo_Tourinho_bust.jpg

Infelizmente, várias desordens toleradas pelos herdeiros do primeiro donatário e os ataques dos terríveis Aimorés trouxeram a decadência à colônia.

Com licença do rei, em 1556, essa capitania foi vendida por 100\$ de juros ao primeiro duque de Aveiro e reverteu à Coroa, por confisco⁷, em 1759.

Hoje, forma o sul do Estado da Bahia.

⁷ **Confisco:** Aprender para fazer parte do Tesouro de um país (fisco).

Páginas omitidas da amostra

4.14. Vida dos primeiros colonos

Frequentando diariamente os índios, os colonos adotaram deles muitos usos e objetos domésticos e de primeira necessidade; em pouco tempo, trocavam os alimentos tradicionais de Portugal pelos da terra; em vez do pão, comiam farinha de mandioca, aipim, milho, feijão, arroz, carne moqueada⁸, pirão, mingau, cará, inhame, maniçoba, abóboras, pacovas ou bananas da terra, folhas de taiobas, cambuquiras, batatas-doces, etc. Por vezes aprenderam a manejar o arco e a flecha para a guerra; nos rios, governaram igaras⁹, jangadas, ubás ou montarias, balsas de molho de timbó; usaram redes de dormir, tomaram banhos frequentes e puseram-se a fumar a folha de tabaco; a cada dois ou três anos, roçaram e derrubaram novas matas virgens, queimaram ou encoivararam¹⁰ os galhos para depois semear, deixando os troncos e madeiros apodrecer no chão; na falta de cal e pedra, fizeram casas com muros de taipa¹¹ ou barrotada¹², cobertas de palha ou sapé¹³ em vez de telhas, tendo as ripas seguras com cipó e jirau em lugar de assoalho.

Puseram-se a falar tupi e, até o começo do século XVIII, havia três pessoas empregando o tupi para uma que usava o português; o português era a língua oficial, a que os meninos aprendiam na escola, mas o tupi era a língua geral, a língua dominante, a que servia para a catequese e as expedições dos bandeirantes no desbravamento dos sertões, e deixou inumeráveis palavras para designar animais, aves, peixes, plantas, árvores, frutos, usos, lugares, etc.

Cultivaram principalmente mandioca, arroz, feijão e cana; uma arroba do melhor açúcar valia \$400 e um alqueire de arroz em casca, \$050; a farinha de mandioca valia \$100 o alqueire, em São Vicente e, para tender às queixas dos colonos, a câmara elevou esse preço a \$120.

Criaram também gado vindo das ilhas portuguesas, e toda a sorte de animais domésticos.

8 **Moquear:** Carne seca num estrado de varas chamado “moquéim”.

9 **Igara:** Canoa leve e rasa escavada num tronco de árvore.

10 **Encoivarar:** Reunir o mato ainda intacto após uma queimada (“coivara”) para queimá-lo novamente, preparando o terreno para roçá-lo.

11 **Taipa:** Parede ou muro de barro aplicado sobre uma grade de lascas de madeira. Sinônimos: estuque, tabique, pau-a-pique.

12 **Barrotada:** Construção feita com “barrotes”, peças de madeira onde são pregadas as tábuas do piso e do teto.

13 **Sapé:** Nome comum a diversas gramíneas cujas fortes fibras são usadas para diversas finalidades, inclusive na construção de coberturas em habitações indígenas.

Páginas omitidas da amostra

5. Primeiro Governador Geral: Tomé de Sousa (1549-1553)

5.1. Necessidade de um governo geral

O malogro¹⁴ de quase todos os donatários convenceu Dom João III da necessidade de um poder central, em roda do¹⁵ qual os colonos das diferentes capitanias pudessem reunir os esforços, não só para conter os repetidos ataques dos selvagens, como também para repelir os estrangeiros, em especial os Franceses que, benquistos pelos naturais, já iam trafegando mais ativamente que os próprios portugueses.

El Rei portanto nomeou um governador-geral com plenos poderes, alçada completa no civil e no crime¹⁶; e, ao mesmo tempo que tirava aos donatários alguns privilégios que não souberam usar¹⁷, julgou assegurar a boa gerência dos negócios coloniais com a criação de uma Ouvidoria Geral para presidir à justiça¹⁸, e uma Provedoria Geral, rendas e mais pontos a respeito da fazenda. Criou também o encargo de capitão-mór da costa, com missão de velar pela defesa de todo o litoral brasileiro.

Com sede do Governo Geral escolheu-se a Baía de Todos os Santos¹⁹, por ser o ponto mais central da costa: aí deviam edificar a capital, à qual dariam o nome de Cidade do Salvador e, como armas, “em campo azul uma pombinha com a divisa: *Sic, illa ad arcam reversa est*²⁰”. Era o símbolo de paz e salvação, que o novo governo veio de fato trazer ao Brasil.

14 **Malogro:** Fracasso.

15 **Em roda de:** À volta de, em torno de.

16 **Nota do autor:** O Regimento que recebeu Tomé de Sousa constava de quarenta e oito artigos: preceituava sobre o bom tratamento dos índios, ameaçando de morte os colonos que escravizassem; proibia vender armas ao gentio; estabelecida o modo de se distribuírem sesmarias; providenciava contra os abusos do luxo; estatuiu também a respeito dos engenhos de açúcar, das fortalezas, da construção de navios, etc.

17 **Nota do autor:** O direito de couto e homizio fora uma causa de perturbação; a alçada no civil e no crime dera motivo a sentenças muito arbitrarias e, as vezes, contraditórias.

18 **Nota do autor:** Com alçada até a pena de morte, sem apelação se nela concordasse o governador geral.

19 **Nota do autor:** A capitania foi comprada a Manuel Pereira Coutinho, filho do infeliz donatário naufragado em Itaparica.

20 ***Sic, illa ad arcam reversa est:*** Lema constante na bandeira de Salvador, capital do estado da Bahia. Frase latina que, em Português, significa: “Assim, ela retornou à arca”, referindo-se à pomba que regressou à arca de Noé carregando em seu bico um ramo de oliveira, tomado como sinal de que as águas do dilúvio já baixavam, como se lê em Gênesis 8:11)

Páginas omitidas da amostra

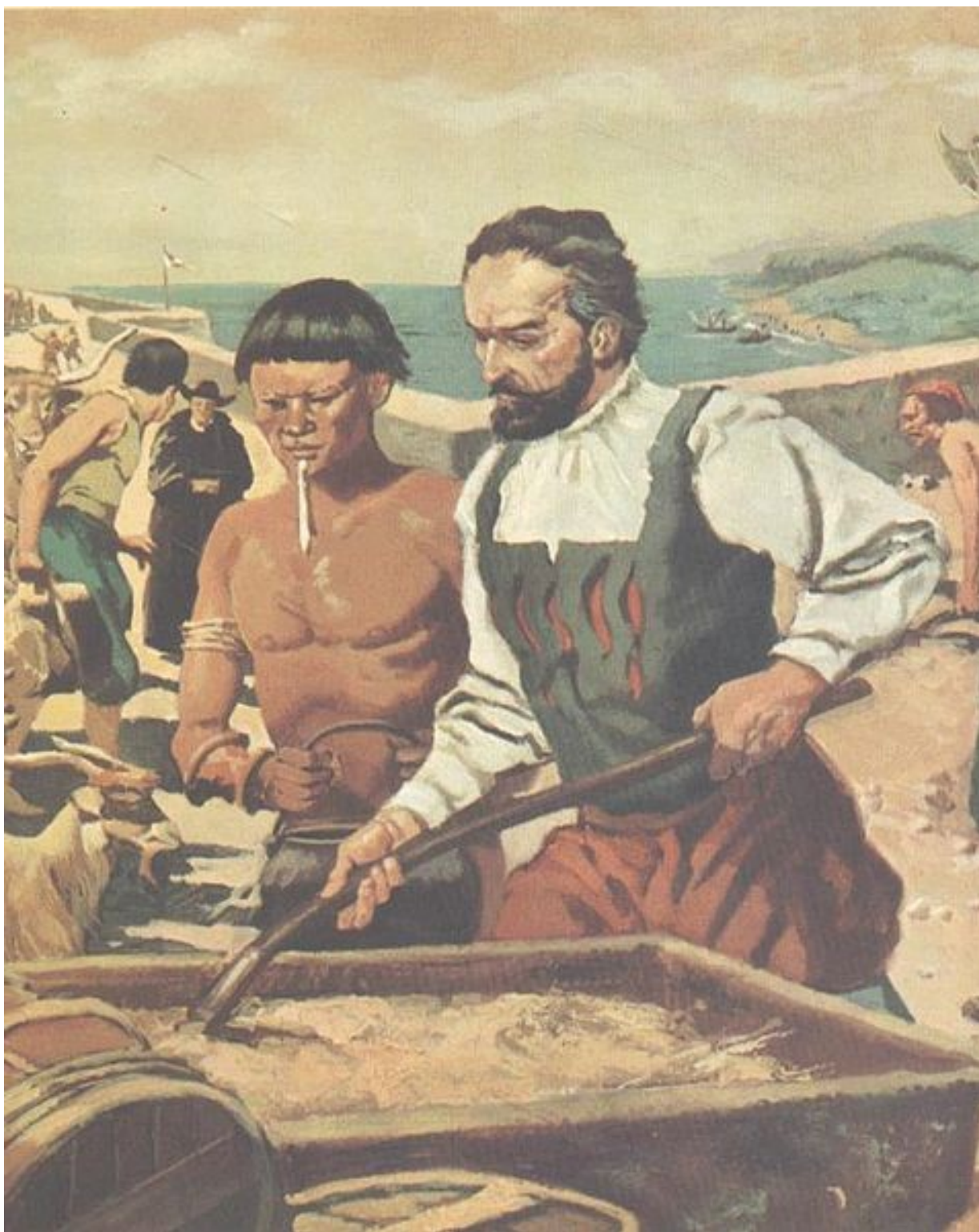


Figura 4: Tomé de Sousa colaborando na construção de São Salvador. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tomedesousaindio.jpg>

Páginas omitidas da amostra

6. Segundo Governador: Duarte da Costa (1553-1557)

A Tomé de Sousa sucedeu no governo geral do Brasil Duarte da Costa, armeiro-mór²¹ do reino²². Com ele vieram, em julho de 1553, duzentos e cinquenta pessoas, sendo três Padres seculares e dezesseis jesuítas, entre os quais salientavam-se o Padre Luiz da Gran, antes reitor do colégio de Coimbra, e o Padre Manoel de Paiva, abalizado teólogo: entre os quatro irmãos menores, havia José de Anchieta, futuro apóstolo e taumaturgo²³ do Brasil. O Padre Nóbrega recebia o encargo de provincial²⁴ do Brasil.

Duarte da Costa, cujo governo indeciso e mesquinho contrasta com a energia de Tomé de Sousa e a justiça de Mem de Sá, não tardou a ser odiado por todos, por causa das suas desavenças com o Bispo e das atrocidades que deixou cometer, tanto contra os selvagens, como entre os próprios colonos.

Os índios da Bahia tinham rompido hostilidades com os Portugueses; contra eles conseguiu Dom Álvaro, filho do governador, uma série de vitórias, expulsando-os afinal do Recôncavo.

21 **Armeiro:** Fabricante ou responsável pela manutenção e conserto de armas.

22 **Nota do autor:** O ordenado de Tomé de Sousa fora de 400\$ anuais; o de Duarte da Costa, elevou-se a 600\$. Era quantia considerável nesse tempo.

23 **Taumaturgo:** Pessoa que faz milagres. Sinônimo: Milagreiro.

24 **Provincial:** Superior das casas religiosas numa das províncias de uma Ordem.

Páginas omitidas da amostra

7. Terceiro Governador: Mem de Sá (1557-1572)

7.1. Primeiros Atos

Quando Mem de Sá assumiu o cargo, janeiro de 1558, reinava geral descontentamento nas capitanias do sul. Por isso, o governador – homem ativo, prudente e honesto, de variada cultura intelectual e coração magnânimo²⁵ – tratou, antes de tudo, de acalmar os espíritos. Atalhou²⁶ as inúmeras e infundas demandas²⁷, fonte de ódios funestos, concertando²⁸ as partes; também tirou quanto possível o jogo “que era uma traça...”.



Figura 5: Mem de Sá, Cristão exemplar, admirável patriota, homem de pulso forte e seguro, de grande prestígio, de subido valor moral e de alta confiança, prestou os mais relevantes serviços à pátria. Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mem_de_Sa_-_Manuel_V%C3%ADctor_Filho.jpg

Empenhou-se na extinção da antropofagia nas terras colonizadas. Ajudou muito aos

25 **Magnânimo:** Generoso.

26 **Atalhar:** Calar usando fortes argumentos e razões sólidas.

27 **Demanda:** Conflito, litígio.

28 **Concertar:** Conciliar.

Páginas omitidas da amostra

Revisão Cronológica para memorização

1534: Divisão do Brasil em quinze capitanias.

1536: Naufrágio de Aires da Cunha nos baixios do Maranhão.

1545: Fundação de Santos por Brás Cubas.

1547: Morte trágica de Francisco Pereira Coutinho, donatário da Bahia.

1548: A capitania da Bahia reverte à coroa.

1549, 7 de janeiro: Criação do governo-geral para o Brasil.

1549, 29 de março: Chegada de Tomé de Souza; fundação da cidade de São Salvador ou Bahia.

1549 – 1553: Governo de Tomé de Souza.

1552, junho: Chega o primeiro Bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha.

1553 – 1557: Governo de Duarte da Costa.

1554, 25 de janeiro: Fundação de São Paulo: colégio dos Jesuítas.

1555: Construção do forte Coligny, por Villegaignon, na baía do Rio de Janeiro.

1556: Naufrágio e morte do primeiro Bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha.

1557 – 1578: Reinado de Dom Sebastião, o Desejado.

1557 – 1572: Governo de Mem de Sá.

1560, 15 de março: Mem de Sá apodera-se do forte Coligny.

1560: A vila de Santo André transfere-se para São Paulo.

1563: Nóbrega e Anchieta conseguem dos Tamoios o armistício de Iperoyg.

1564: A metrópole envia Estácio de Sá para expulsar os franceses.

1567, 20 de janeiro: Franceses expulsos de Guanabara; fundação da cidade de São Sebastião ou Rio de Janeiro.

Fim da amostra